O DESAFIO DE LULA

MINO CARTA
E GIANNI CARTA

hedra

Sumário

O DESAFIO DE LULA

Mino Carta e Gianni Carta

edição Jorge Sallum

coedição Felipe Musetti

preparação Hassan Ayoub

revisão Felipe Musetti

capa Hélio de Almeida

imagem da capa Wanezza Soares/CartaCapital

ISBN 97-885-7715-566-8

eISBN 97-885-7715-567-5

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

O DESAFIO DE LULA

Mino Carta e Gianni Carta

Paulo Henrique Amorim (*prefácio*)

1ª edição

Prefácio

Paulo Henrique Amorim

Nenhum jornalista conhece o Lula tão bem quanto o Mino. Nenhum político conhece o Mino tão bem quanto o Lula. Mas isso não significa que um conheça inteiramente o outro.

O Lula, por exemplo, já teve uma visão utilitária do jornalismo.

“Crítica boa é a que é a favor.”

Como disse o general-presidente Costa e Silva à condessa Pereira Carneiro, dona do *Jornal do Brasil*. Segundo o que ela disse ao general-presidente Figueiredo, na minha frente.

Depois, operário-presidente eleito, Lula não se deu conta do poder destruidor da “mídia nativa” – como diz o Mino –, especialmente o da Globo. Da crítica sórdida, invariavelmente contra. E dela foi uma das vítimas. Assim como a *CartaCapital*. Por sua vez, Mino, como eu, jamais entrará naquele casebre que enchia de água até os joelhos na temporada de chuva de verão em São Paulo. Nem, como eu, Mino faz ideia do que significa só ter comido pão aos 13 anos de idade.

Mino e eu não captamos – como diz o Mino – a “secreta essência” do que é ser pobre. Mas Lula e Mino estão e estiveram sempre juntos, do mesmo lado da linha do trem.

Por isso, Lula, provavelmente, conte ao Mino e a nenhum outro jornalista o que Mino até já sabe. O Lula não faz ideia, provavelmente, dos quatro ou cinco lances subsequentes do xadrez do Mino, que, às vezes, o critica com a melhor das intenções. Mas Mino não faz ideia, provavelmente, dos quatro ou cinco lances subsequentes do xadrez de Lula.

Apesar das aparências, Mino confia no povo brasileiro.

Porque ele confia no Lula. E o povo confia no Lula.

Desconfio, até, que o povo espere que Lula ouça mais o Mino e entre na casa-grande com o pé na porta, com força – e pela porta da frente!

Apresentação

Mino Carta

O Brasil nunca viveu tempos iguais aos desencadeados pelo golpe de 2016, nem mesmo nos 21 anos de ditadura. Explico. Os golpistas de então armaram uma arapuca para si mesmos, presas da típica hipocrisia nativa, inventaram um sistema eleitoral e até o AI-5 mantiveram o Congresso em atividade, fecharam-no para reabri-lo mais tarde. Houve oposição valente, e o Ato Institucional foi sua consequência. Daí em diante, as cassações multiplicaram-se, nem por isso a resistência par- lamentar arrefeceu. O MDB liderado por Ulysses Guimarães ofereceu abrigo a todos os opositores e nas eleições de 1974 colheu vitórias significativas. Foi neste momento que o general Golbery começou a cogitar da reforma partidária concretizada cinco anos depois, com o propósito de estilhaçar a aliança oposicionista. E nem assim deu certo.

Houve também a resistência armada dos inconformados irredutíveis, e o resultado foram mais de 400 assassínios e a tortura de milhares. Mas houve também a sedimentação da esperança de muitos de que algum dia finalmente raiaria o sol da liberdade. E resistência houve, extraordinária, com as greves do abc, de 1978, 79 e 80, e o surgimento da liderança de Luiz Inácio da Silva, dito Lula, à testa de uma nova leva de sindicalistas habilitados a substituir os pelegos. Vale dizer, ainda, que os militares souberam impor seu nacionalismo à casa-grande, que os convocara para o golpe de 1964. Com isso, ao menos, o País não sofreu o risco do entreguismo.

A situação atual nasce de uma hipocrisia infinitamente mais descarada do que aquela que orientou a ditadura, com o desplante de se vestir de legalidade. Poderia, no entanto, ser de outra forma se o golpe de 2016 foi desfechado pelos próprios poderes da República? Falsos os motivos do *impeachment*, Constituição rasgada sem a mais pálida interferência dos guardiões da lei, enquanto o Legislativo empossava o presidente ilegítimo, herói inconteste da corrupção generalizada.

Objetivo do golpe: tornar Lula inelegível graças à Inquisição do Santo Ofício de Curitiba e Porto Alegre, pronta a condenar sem provas o ex-presidente com a bênção de Tio Sam. Entende-se: tal é a garantia de transformar o Brasil em Estado mínimo neoliberal, sujeito às conveniências de Washington e ao capital estrangeiro. A venda do pré-sal, que avalizava o futuro do País, já está selada, de sorte a preparar a privatização da Petrobras, da qual se tirou o bem maior. Na pauta, também a privatização da Caixa Econômica Federal, e isso tudo a preços de liquidação.

A reforma trabalhista, que nos devolve ao passado remoto, entrou em vigor em novembro para alegria da Fiesp no mesmo instante em que os ruralistas se regozijam com as chances oferecidas à sua vocação escravagista. A intolerância reina em todos os aspectos mais retrógrados, a confirmar a medievalidade verde-amarela. De fato, a casa-grande consegue se afirmar da maneira inatingida com a ditadura. Tudo se faz para favorecer os ricos e os super-ricos, em nome de um internacionalismo que agrada apenas ao capital.

Haveria de ser a hora da indignação e da revolta, mas o povo espezinhado está inerte e os trabalhadores, resignados.

O desafio de Lula

“Pessimismo da ação,
otimismo da vontade”

Antonio Gramsci

GIANNI: *Então, esta haveria de ser a hora da revolta?*

MINO: Claro, se este não fosse o Brasil. Nós somos os revoltados, integramos uma minoria exígua. O povo vive entre a resignação atávica e o medo da chibata.

Mas Lula saberia mobilizar o povo como, quando presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, mobilizou os seus comandados e 100 mil brasileiros lotaram a Vila Euclydes por longos dias a fio.

Sim, já soube mobilizar, e até hoje ele sabe falar ao povo de forma incomparável, haja vista as caravanas no Nordeste, Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Receio, porém, que ele tenha percebido que uma coisa é mobilizar para o voto, ou para uma festa sem riscos – e o povo brasileiro é profundamente festeiro –, e outra para a revolta.

É uma interpretação dos sentimentos dele que me permito fazer, tenho por Lula uma amizade inoxidável de 40 anos, incondicional, o que não impede que, em determinadas ocasiões, possa criticá-lo. Quando ataca a casa-grande eu me regozijo. Agora Lula se propõe a enfrentar a injustiça e a ilegalidade pretensamente legal. E como candidato, alheio à ameaça da condenação iminente, abre fogo contra os seus inimigos, o mercado e a Rede Globo, como capitânia da mídia nativa, e promete uma nova “Carta aos Brasileiros”, com orientação oposta daquela Carta que, em 2002, Palocci lhe serviu para agradar à casa-grande. Trata-se de um passo muito importante, a significar a convicção de que a ideia da conciliação foi sepultada. Lula adianta que na nova Carta exporá o programa do seu governo, com inclusão de um item crucial, a taxação dos ricos, em busca da distribuição da riqueza, objetivo mais amplo e profundo da distribuição da renda. Documento fundamental, um legado para o Brasil do futuro, ou, quem sabe, centelha que inflama o povo.

Marcos Coimbra, presidente do Instituto Vox Populi, afirma que somente Lula hoje poderia devolver o Brasil à rota democrática.

Concordo plenamente, conciliação somente entre as próprias elites. Os inquilinos da casa-grande podem desentender-se, e então a conciliação é necessária entre eles, a bem dos objetivos maiores da reação. A negociação é impossível. Não há chance de entendimento entre o Capital e o Trabalho, entre ricos e pobres. Daí a minha convicção de que Lula será condenado em segunda instância e que as eleições de 2018 estão ameaçadas: ou as quadrilhas encontram uma solução “legal” para realizá-las, de sorte a criar a enésima exceção, diante da impossibilidade de emplacar um candidato capaz de dar prosseguimento ao

estado de exceção, ou irão cancelá-las em nome dos interesses do País em busca da “modernização”. Nos dois casos, sofreríamos um golpe dentro do golpe. Pergunto aos meus desesperançados botões: seria admissível que as quadrilhas, capazes de fazer o que bem entendem até hoje, desistissem subitamente de prosseguir na demolição do Brasil, tomados de um repentino impulso democrático? Os botões nem ousam responder.

Você disse que o objetivo principal era tornar Lula inelegível.

No meu entendimento, é preciso compreender que retirar Lula deste páreo sem provas, por meio de uma condenação cominada pelos Tribunais do Santo Ofício, implica um pleito ilegítimo. Este é o primeiro ponto a ser encarado. Sem Lula este pleito não vale nada. Esta é a questão central, a meu ver. Agora, é claro que a situação implica riscos graves. Por quê? Porque, se você observar o futuro eleitoral, perceberá que nem o PMDB nem o tucanato têm condições de eleger um candidato capaz de garantir a sobrevida da casa-grande e da senzala. Por isso temo um golpe dentro do golpe para impedir as eleições de 2018. E com o apoio dos Estados Unidos da América.

Lula, provavelmente, será condenado em segunda instância. Um magistrado rio-grandense é padrinho de casamento de Sergio Moro e com ele fez mestrado.

Não há saída para o País sem um enfrentamento. Um grande abalo social. Forte. Um terremoto, se for o caso. Os Pactos de la Moncloa, que houve na Espanha após a morte de Francisco Franco, em 1975, estabilizaram o processo de transição para uma democracia. Foram conduzidos por um homem de direita que, no entanto, admiro bastante, Adolfo Suárez. Pois bem, os Pactos de la Moncloa, de outubro de 1977, entendimento entre Capital e Trabalho, no Brasil são totalmente impossíveis, porque a casa-grande não aceita acordos com o trabalhador. Veja como a mídia nativa recebeu o retorno ao trabalho escravo.

Sim, o trabalho escravo encaixa-se bem com a dicotomia casa-grande e senzala. Foi você quem usou pela primeira vez essa terminologia, ou, digamos, analogia entre a casa-grande e as chamadas elites. E a senzala é a maioria pobre. De volta a uma sociedade escravocrata?

Não se trata de um retorno porque a casa-grande, assim como a senzala, estão de pé. Além de tudo, este governo de Michel Temer, com a ajuda do Congresso, e diante de uma Alta Corte de fancaria, fortalece cada vez mais os ricos e os super-ricos. Estamos falando, insisto, de um golpe perpetrado pelos Três Poderes da República. Esta situação só permite uma saída: um forte abalo social.

Suponhamos que o povo não reaja e Lula seja inelegível em outubro de 2018. Lula, não há a menor sombra de dúvida, é um excelente cabo eleitoral. É muito provável que um candidato apoiado por ele vença o pleito presidencial.

O candidato que Lula escolher, o Lula da vez, parte favorito no meu entendimento. Mas, repito, a vitória de um petista apoiado por Lula no pleito seria fatal para a casa-grande e a National Security Agency. Não é que tenham faltado razões para sair às ruas com disposição para a briga. Os sindicatos já tiveram e têm razões de sobra. Evidentemente, convém um exame de consciência. As lideranças não chegaram ao trabalhador. Não o doutrinaram, não o conscientizaram. É indispensável mostrar ao trabalhador qual é a situação real.

Acha que esses líderes e o povo entendem o significado de um impeachment*? Em recente entrevista, o embaixador e ex-chanceler de Lula, Celso Amorim, lembrou que Richard Nixon não foi destituído, mas*

renunciou e o cargo ficou para Gerald Ford. Pois Ford continuou a trilhar o caminho traçado por Nixon. No Brasil, no entanto, houve um golpe camuflado de impeachment.

Concordo. Rasgaram a Constituição. Além disso, as chamadas pedaladas fiscais não seriam um motivo para destituir a presidenta, já que fazem parte da tradição de quaisquer governos. Além de tudo, não havia pedaladas. O professor Belluzzo foi ao Congresso no dia da votação e disse: "O que houve foram despedaladas". Os deputados queriam um pretexto. *CartaCapital* publicou recentemente um artigo de Luigi Ferrajoli, em que um dos mais importantes juristas da Itália e do mundo mostra com extrema, insuperável clareza, a ilegalidade de tudo quanto aconteceu no golpe e nas suas consequências.

Acha que, se Lula tivesse sido chefe da Casa Civil no início do segundo mandato de Dilma não teria ocorrido o impeachment*?*

Certamente, não teria o *impeachment*. Lula é das massas, o único líder popular nacional verdadeiro. Há lideranças locais fortes, mas não nacionais. Lula é líder nacional único, dono de um discurso que comove o povo, ele tem também talento de negociador e saberia como assegurar a permanência do governo Dilma até o fim. Eu não tenho a mais pálida sombra de dúvida a respeito.

O mensalão foi o primeiro golpe contra Lula e o PT?

Uma tentativa de golpe, eu diria. Apesar do mensalão, Lula se reelegeu folgadamente. E não somente. Deixou seu governo com 87% de aprovação. Em seguida vem a Lava Jato, uma operação atirada, a partir da corrupção da Petrobras, contra Lula e o PT. É o começo da montagem do golpe. A manobra se concretiza com a eleição de 2014, em que Dilma ganha apertadamente.

O "mensalão" é história encerrada. Entretanto, a direita continua a associar o mensalão ao PT, como se fosse algo inédito.

Não são de direita as quadrilhas no poder, mídia nativa incluída. São a reação na sua acepção mais pura. Churchill era de direita. O "mensalão" é o caixa 2. Sempre houve na política brasileira. Mensalão não é novidade, mas virou novidade porque envolvia o PT. Tempo de mensalão, outubro de 2005, fui ter com Lula na Granja do Torto. Quando cheguei, o casal Lula da Silva jogava rouba-montes. Dona Marisa dizia: "Ele (*Lula*) acredita nas pessoas". E Lula admitia: "Fizeram besteira". O problema são as regras para o financiamento dos partidos. O mensalão, assim como o escândalo da Petrobras, deu-se com outros governos anteriores aos de Lula. Não podemos esquecer da "privataria tucana". Vale lembrar também que Fernando Henrique Cardoso tinha um amigo decisivo, Sérgio Motta. Era um operador, como dizem no Brasil, formidável. O dinheiro que circulou à sombra do príncipe dos sociólogos só Deus sabe.

Como levar a Lava Jato a sério se o Judiciário está politizado?

O Judiciário está a serviço da casa-grande a ponto de participar ativamente do golpe. E Sergio Moro e a turma dele compõem um tribunal do Santo Ofício, visto que toda a argumentação levada adiante para condenar me lembra muito o tribunal que condenou Joana D'Arc. É igual, por trás havia também razões políticas. Como Bernard Shaw explica brilhantemente em *Saint Joan*, uma de suas obras-primas, houve um acordo entre uma parte da Igreja francesa e os ingleses, até então ocupando uma porção da França. Era contra os ingleses que Joana combatia. Selado o acordo, Joana virou herege. Foi queimada viva em 1431. Esse julgamento me lembra muito aquele de Curitiba, quando convicções substituem as provas. Estou me referindo à condenação de Lula a nove anos e meio. Nove anos e meio porque o juiz Moro,

maligno, quis lembrar que Lula tem nove dedos e meio.

Como obteve essa informação?

É uma convicção minha. É um sentimento que se abriga no fundo do meu coração e da minha mente. E me espanta entre o fígado e a alma. Por essas e outras prepotências e arrogâncias deveriavhaver uma mobilização dos trabalhadores, de todos os eleitores de Lula. Mas não há.

As primeiras perguntas dirigidas às pessoas que se prestam a fazer as delações premiadas dizem respeito a Lula e ao PT.

Querem a pele de Lula. Esse Santo Ofício de Curitiba prestou-se ao jogo sujo de uma forma vergonhosa. Mas agora os homens do poder já não querem a Lava Jato. Gilmar Mendes, o ministro do Supremo, não quer. O Temer não quer. Os parlamentares não querem. Claro, estão todos incriminados. O Temer, aliás, já está condenado. Vai ser preso ao deixar o mandato. Não sei… me arrisco a duvidar.

Você diz que um mea-culpa *por parte das esquerdas brasileiras é necessário.*

Quem se disse de esquerda no Brasil nunca chegou realmente ao povo brasileiro. Veja o caso do ex-trotskista Antonio Palocci, que militava na famosa Liberdade e Luta, a Libelu, movimento estudantil dos anos 1970. Depois, como ministro da Fazenda no governo Lula, revelou-se um neoliberal.

Você fez a primeira capa de Lula, em fevereiro de 1978, na semanal IstoÉ*. Naqueles tempos houve greves bem organizadas e eficazes.*

O PT nasceu ali. Aqueles sindicalistas sabiam convocar greves. Há pouco tempo fiz uma palestra na CUT (Central Única dos Trabalhadores) de São Paulo, onde, aliás, tenho grandes amigos, e falou-se na greve geral na capital. Um sindicalista da Baixada Santista disse: “Olha, eu não sei mesmo se houve uma greve geral porque até agora me pergunto se os trabalhadores não saíram de casa por decisão própria ou porque os ônibus não saíram das garagens”. Essa observação me tocou profundamente. Quer dizer, foi uma greve geral, sim: parou praticamente tudo, menos os aeroportos. Mas realmente fiquei em dúvida sobre a sinceridade e a força real daquele movimento. Repito, não escasseiam razões para fazer greves gerais, e muito mais que isso, para realmente mostrar o protesto, exibir a queixa, trombetear a insatisfação. No entanto, nada acontece. As pessoas parecem levar uma vida normal. Portam-se como se nada tivesse acontecido.

Em recente entrevista com Lula, ele me disse que há vários “Lulinhas” para substituí-lo.

Se ficar claro na eleição que o favorito é um petista indicado por Lula, e não duvido que isso possa acontecer, ocorrerá, repito, um golpe dentro do golpe. É isso que temos de entender. E é por isso que insisto: sem o povo na rua, e é muito povo, todos aqueles que votam em Lula, não há nada. A grande desgraça do Brasil são três séculos e meio de escravidão, que ainda não terminou para garantir a permanência da Idade Média sob o manto norte-americano. Acrescente-se, para entender o Brasil, a ausência de uma guerra de independência. Ao contrário de outros países sul-americanos, o Brasil nunca teve uma verdadeira revolução. Sangue na calçada correu muito pouco no Brasil.

Esqueçamos o D. Pedro I e o suposto grito do Ipiranga, que até hoje não se sabe se de fato houve. No entanto, entre 1964 e 1985, durante a ditadura, 450 brasileiros foram assassinados pelo terror de

Estado e torturados milhares. E há uma esquerda no Brasil. Existem o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST)…

De fato, os Sem-Teto e o MST são movimentos reais e souberam doutrinar seus militantes. São dois movimentos de esquerda muito bem liderados por Guilherme Boulos e João Pedro Stedile, respectivamente, que alcançam seus objetivos. Houve em São Paulo recentemente uma marcha dos Sem-Teto que representa um evento emocionante e exemplar. Quanto aos 450 assassinados e desaparecidos, quero lembrar que haveria mais se isso tivesse sido necessário, aos olhos da ditadura. No Uruguai, à época país de pouco mais de 3 milhões de habitantes, morreram 5 mil. Na Argentina foram 30 mil. No Chile nem sabemos quantos. Torturadores brasileiros eram mestres em outros países assolados por ditaduras. Somos bons em tortura. Muito bons. O nosso herói é o Duque de Caxias, que comandou o genocídio do Paraguai, no fim do século xix. E é celebrado em praça pública em estátuas equestres. Não tivemos Bolívar, nem San Martín e O'Higgins. E por isso somos medievais até hoje.

O PT foi formado em 1980 por um corajoso movimento de esquerda.

Depois das Diretas Já comandadas por Ulysses Guimarães, aquelas greves são, a meu ver, o movimento de resistência mais importante à ditadura. Admiro muito a coragem de quem foi para o Araguaia no fim da década de 60, achando que aquilo era a Sierra Maestra, e 80 homens enfrentaram 10 mil soldados. Tiro o chapéu, mas enxergo o lado patético. As greves do abc não foram patéticas, os trabalhadores foram para a Vila Euclydes para enfrentar bombas e brucutus. E ao cabo Lula foi preso e enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Sem esquecer a oab quando da presidência de Raymundo Faoro, meu amigo fraterno, autor de dois livros fundamentais, *Os Donos do Poder* e *A Pirâmide e o Trapézio*. Com Faoro, uma oab finalmente corajosa e fiel à sua razão de ser, passou a denunciar os crimes contra os Direitos Humanos cometidos pela ditadura.

E logo Lula seria preso.

Lembro da Vila Euclydes cheia até as bordas. Foram momentos extraordinários. Era o povo na rua. O trabalhador defendia seus direitos.

O PT tem quase 20% do eleitorado. Lula concorda ser maior que o PT. Da mesma forma, diz o ex-presidente brasileiro, Jacques Chirac era maior que sua sigla de centro-direita. Willy Brandt foi maior que a social-democracia. Em contrapartida, Lula diz que François Hollande foi menor que o Partido Socialista No entanto, Lula ressalva que chegou à Presidência sobre os ombros do PT.

Lula tem razão, mas o PT no poder, confesso, foi uma grande decepção. Por quê? Acreditou em conciliação com os neoliberais.

Creio que Lula tentou ser pragmático. Quis mostrar às elites que não era um homem perigoso.

Isso foi perda de tempo. Sabe por quê? Porque os ricos e os super-ricos são uma minoria. O povo brasileiro é a maioria. Os pobres são a maioria. Em lugar de morar debaixo das pontes, eles devem partir para as calçadas.

Houve também a espinhosa aliança do PT com o PMDB.

Mas aí há uma injunção política. É preciso entender que, se você quiser governar e contar com uma

maioria no Congresso, evidentemente você terá de ter um aliado. E, no caso, a sigla sempre disponível é o PMDB, o partido do poder. A sigla que se move conforme as circunstâncias. É normal haver, portanto, um entendimento com o PMDB. O ponto, a meu ver, é outro. Houve demasiadas concessões. E agora Lula deveria parar de falar bem de Henrique Meirelles na sua pré-campanha. Muitas orientações da política econômica dos governos Lula e depois dos governos Dilma foram neoliberais. Lula colocou Meirelles, porta-voz do neoliberalismo nativo, no Banco Central.

Por vezes, Lula se cercou de ministros preciosos, como o chanceler Celso Amorim. Ao mesmo tempo, nomeou gente como Meirelles, Mantega e Palocci. Como explicar isso?

Lula foi às vezes ingênuo. O caso de Palocci, o ex-trotskista da Libelu que virou neoliberal, é um exemplo. Palocci era o amado prefeito de Ribeirão Preto, onde já havia praticado várias porcarias. Por exemplo, privatizou até a água da cidade. A política dele foi neoliberal. Evidentemente, Lula a aprovou. Lula preocupava-se com a política social e, por tabela, veio o Bolsa Família, a abertura do crédito, Minha Casa Minha Vida, o Luz para Todos e outras iniciativas desse tipo. No entanto, a política econômica do País foi marcada por uma tendência neoliberal.

Mas, ao contrário de seus antecessores, Lula implementou programas sociais importantes para tirar milhões da miséria.

Como eu disse, houve avanços sociais importantes. Mas nem por isso deixou de existir nos seus governos uma orientação básica neoliberal. Isso me parece negativo em uma análise fria. E está na origem da atual inércia do PT. Não houve por parte do partido um trabalho profundo e capilar no sentido de conscientizar o povo brasileiro. Foi a ocasião em que isso deveria ter sido feito. Não acho que a conscientização do povo se resolva simplesmente com o Bolsa Família e abrindo o crédito para os mais pobres. Foram programas sociais importantes, claro. Mas qual foi a conquista em termos de consciência da cidadania de quem estava melhorando de vida?

A conscientização do povo e os programas sociais deveriam ter sido um processo concomitante.

Não há dúvida. Veja o resultado. Sim, houve brasileiros que entraram no ciclo do consumo. Fala-se em 35 milhões, 40 milhões. Mas os ricos e os super-ricos ficaram mais ricos e super-ricos. Permaneceu a distância abissal que marca profundamente a monstruosa desigualdade neste país. E agora os pobres já voltaram às condições de antes.

Mas isso por conta das reformas feitas pelo governo ilegítimo nos últimos 16 meses.

Estamos diante de um desastre. As reformas atingem os trabalhadores. Existe uma clara entrega do Brasil ao capital estrangeiro. Enquanto um imbecil chamado Vargas Llosa, tão endeusado como escritor, diz que o nacionalismo é o mal dos povos. O que ele quer, ser Jesus Cristo? Cristo morreu na cruz porque fundou uma religião universal da igualdade. O nacionalismo, para países como o Brasil, é o recurso contra a desigualdade neoliberal.

Lula disse, em outubro, durante a pré-campanha dele em Minas Gerais, que, se eleito, submeterá a um referendo as reformas de Temer.

Lula seria um presidente que inaugura novamente uma estação democrática. Os dois mandatos dele como presidente foram democráticos. Assim como foram os da presidenta Dilma Rousseff, até ela ser

impedida. Nos governos petistas, quero sublinhar, nem tudo a meu ver foi acerto, porque implementaram políticas econômicas neoliberais. Mas de qualquer maneira houve avanços sociais e, ainda mais importante, a meu ver, uma política exterior excelente, de grande independência do Brasil. E sem forçar a barra inutilmente. Uma política exterior sutil e muito inteligente.

O balanço dos governos do PT é positivo, o que explica o nível de aprovação de Lula quando deixou o governo, 87%. O PT baixou o nível de desemprego para 4,3%. Durante 12 anos do PT no governo, houve um aumento real de salários para os trabalhadores acima da inflação. Foram gerados 22 milhões de empregos. Enquanto isso, a Europa gerou 100 milhões de desempregados. Aqui, 35 milhões saíram da miséria. De que forma a conciliação de Lula com os neoliberais afetou esses dados?

Nada de realmente profundo foi feito. Taxar os ricos, por exemplo. Nem passou pela cabeça de qualquer governo brasileiro. Mas agora Lula se dispõe a taxar. Contudo…

No entanto, Lula não tinha maioria no Congresso para fazer certas reformas. Foi o caso da regulamentação da mídia. Na França, por exemplo, o leque de jornais de todas as ideologias existe graças às subvenções do governo. Lula me disse que fez um congresso para regulamentar a mídia. Só não compareceram a Globo e a Record. E como ele não tinha maioria em relação ao controle da mídia e estava no fim do mandato, passou o caso para o primeiro governo de Dilma.

Mas, se o País é democrático, você terá inevitavelmente uma mídia a representar diferentes tendências políticas. O Brasil é o país da casa-grande. Aqui há um monopólio disfarçado em oligopólio, sinal de que existem a casa-grande e a senzala. Somos totalmente medievais. Como você regulamenta? De resto, bastaria aplicar a Constituição de 1988 e executar as leis contra os monopólios.

Uma empresa não pode ter um número xis de plataformas midiáticas como jornais, estações de rádio, canais de televisão etc.

Quando Lula foi para o primeiro mandato, o então governador do Paraná, Roberto Requião, disse a José Dirceu, chefe da Casa Civil: “O governo precisa de uma grande televisão que o apoie”. E Dirceu: “Já temos, é a Globo”. Os petistas gostavam era da Globo. Adoravam aparecer na Globo. A revista *Exame* tinha mais anúncios do que *CartaCapital*. A *Exame* é quinzenal e dirigida ao baixo clero das empresas. *CartaCapital* e uma semanal de política, economia e cultura dirigida para um público geral. A *Exame* tinha mais anúncios! É para rir.

No Brasil, você lê um jornal ou assiste a um noticiário televisivo e é como se tivesse lido todos os jornais e visto todos os noticiários de tevê. Enquanto isso, as pessoas continuam levando vida normalmente, como se não vivessem em um estado de exceção. Na França, na Espanha, na Itália, já estariam nas ruas por muito menos do que ter um presidente ilegítimo como Temer e viver em um estado de exceções, como diz Pedro Serrano. Uma vasta maioria dos brasileiros parece não se dar conta de que não vive em uma democracia.

Um país com tamanha desigualdade não pode ser democrático. Temos de entender isso de uma vez por todas. E ter uma imprensa alinhada toda de um só lado. Que democracia é esta? Onde existe isso? Vivemos na Idade Média até hoje. A casa-grande está aí. E a senzala é visível a olho nu. Vivemos em um regime de exceção pretensamente vestido de legalidade. A Argentina, ao contrário do Brasil, é uma democracia. O motivo? Tem uma sociedade muito mais equilibrada. Comportou-se desde o século xix de outra forma, com a presença, entre outros, de San Martín, como já dissemos. Houve uma verdadeira

guerra de independência lá. No século xx, houve uma enorme reação nas ruas contra as ditaduras. Houve sangue nas calçadas. No Brasil, ditadores são nomes de viadutos. De pontes. É um negócio inacreditável a nossa leniência. Aqui ainda sofremos as prepotências da casa-grande e vivemos nessa desigualdade monstruosa. A desigualdade no Brasil gera violência. No ano passado, foram mortas mais de 60 mil pessoas. Sete assassínios por hora. Este país pode ser democrático? E os ricos e os super-ricos levantam muralhas em torno de suas vivendas. Moram em condomínios fechados. Andam de helicóPTero com medo de serem sequestrados e para evitar o trânsito. Seus carros são blindados. Assim como proliferam os *valet parking* no Brasil, existe uma caterva de seguranças engravatados, enquanto os patrões deles andam de bermudas. É um país ridículo. Somos ridículos. Norberto Bobbio define admiravelmente essa questão. Ou seja, quem é a favor da igualdade é de esquerda. Mas você tem de ser sincero nessa sua escolha. Não pode ser um palavrório inútil. Tem de ser algo muito bem definido. No Brasil, quem é a favor da igualdade com absoluta clareza? O movimento dos Sem-Teto, o MST, algumas pessoas certamente. A esquerda brasileira não existe. O PT nasceu como um partido de esquerda, mas no poder portou-se como os demais.

Nos Cadernos do Cárcere*, Gramsci fala no impacto no povo por parte de acadêmicos, intelectuais e jornalistas via faculdades, textos, cinema, rádio e da imprensa. Ironia das ironias, no Brasil, essa revolução passiva para atingir ideais hegemônicos igualitários, no entanto, parece ter sido realizada pelos neoliberais. O Brasil tem intelectuais capazes de inverter o quadro?*

Há vários: Alfredo Bosi, por exemplo. O Fábio Konder Comparato. O almirante Othon, preso pela Lava Jato, figura de grande peso internacional. O Fiori é um observador agudo, grande analista da política internacional. Assim como Wanderley Guilherme dos Santos e Roberto Amaral. E Celso Amorim, então? E o Serrano? É o mais arguto definidor desse golpe e as suas consequências. E o Walfrido Warde. E Roberto Requião, o formidável senador rebelde? E Lindbergh Farias, petista atípico? E Marcio Pochmann, Emir Sader. Para não falar dos jornalistas dignos, como Paulo Henrique Amorim, Luiz Carlos Azenha, Fernando Morais e Luis Nassif. Temos também Luiz Gonzaga Belluzzo, autor de uma frase deslumbrante: “O Brasil é o único país do mundo onde a luta contra a corrupção leva ao poder os bandidos”.

No entanto, eles sozinhos não podem fazer esse trabalho de conscientização.

Fazem o que podem, com a feroz oposição da mídia. Conscientizar é um verbo de outros tempos. Queremos que os leitores falem com seus parentes, seus amigos etc., e digam: “Olha, gente, vamos botar a cabeça no lugar”. Mas, no caso específico dos conscientizadores, acho que a falha, em grande parte, foi do PT. E, de modo geral, as falhas, temos de reconhecer, são de todos aqueles que se disseram de esquerda e não tiveram atuação política em linha com a ideologia que diziam professar.

Lula falou em nossa entrevista que há um declínio da política. A meu ver, isso ocorre devido à ditadura do capital ter afastado a política, políticos e partidos do povo. Isso explicaria movimentos como o “Indignai-vos”, de Stéphane Hessel. Teve forte impacto nos espanhóis que votaram no Podemos. Houve o movimento contra o mundo financeiro, Occupy Wall Street. Outra agremiação tentou romper com partidos em sua maioria caducos: o Syriza, uma aliança de movimentos de esquerda e ecológicos liderada por Tsipras, na Grécia. Talvez, só um forte movimento nas ruas poderia impedir a condenação de Lula. Repito uma pergunta anterior, visto que repetir é crucial para que as pessoas entendam, como dizia o pensador do século xix Giuseppe Mazzini. Esse gênero de manifestação seria liderado pelo PT, sindicatos, MST, Sem-Teto e outras siglas progressistas?

Creio que, antes da sentença pela segunda instância, seria importante que houvesse manifestações. Dia 12 de novembro, quando entrou em vigor a nova lei trabalhista com todas as suas maldades e malignidades, teria sido uma grande ocasião para os trabalhadores saírem às ruas e fazerem um barulho infernal. Registro alguns episódios interessantes, diria até divertidos. Por exemplo, o movimento “tomataço”. Atiraram tomates no ministro Gilmar Mendes, que veio participar de um evento e assistir a um jogo de futebol aqui em São Paulo. Mendes aprovou, entre outras coisas, essa concessão notável à nossa Idade Média, que é o trabalho escravo. Era, na verdade, o que interessava em primeiro lugar ao Temer, que comprou os deputados da bancada ruralista para que votassem na permanência dele no poder na segunda votação no Congresso.

Gilmar Mendes está te processando.

Gilmar Mendes me processa na primeira instância. Se por acaso eu for condenado, recorrerei. Ele me processa por causa de um editorial. Ali eu tecia considerações que não são caluniosas. E como quando digo que Gilmar é o Darth Vader brasileiro. Parece-me um retrato fiel. Quando põe aquela capa preta, ele encarna o figurino à perfeição. Eu disse isso à juíza que me interrogava. Ela começou a rir. Há magistrados bem-humorados no Brasil.

Lula diz que, quando assumiu o poder, em 2002, a Bolsa de Valores de São Paulo tinha 11 mil pontos. Quando ele deixou o governo, a Bovespa operava com 71 mil pontos. Ele não sabe se agora as elites estão com raiva dele “por razões ideológicas ou se é uma questão de pele”. Por que esse ódio em relação a Lula por parte dessa elite empresarial e financeira?

O ódio em relação a Lula existe, em primeiro lugar, devido a uma pressão norte-americana, que é puramente ideológica. Por quê? Porque Lula é considerado um líder perigoso que representa um certo tipo de esquerda que não agrada aos Estados Unidos. Esse é o ponto inicial. Mas há também uma questão de pele. É ódio de classe. Lula representa quem? A senzala. Aos olhos dessa gentalha, Lula é a senzala. É a figura central da senzala. Figura que tem esse poder de ganhar eleições como candidato imbatível. E tem o poder de convocar as massas. Ele mobiliza. Isso é apavorante. Por essas e outras, eliminemos Lula para o pessoal da casa-grande ficar contente. A começar pelos Estados Unidos. O que quer a casa-grande? Que o Brasil seja um país de súditos. Querem entregar o País oferecendo-o a preço de banana ao capital estrangeiro. Um Brasil entreguista, súdito de Tio Sam.

Você falou em ódio de classe.

No Brasil, o preconceito de classe é brutal. Temos Sowetos espalhados por todo o País. Quem acaba na cadeia, no Brasil, são, em primeiro lugar, os negros. Depois os pobres. Coloque, por exemplo, o ex-jogador Ronaldo Fenômeno, tão amado, inclusive pelos ricos, que o veem como um negro de alma branca, à meia-noite na esquina do Colégio Dante Alighieri com a Rua Peixoto Gomide, em São Paulo. Passa a Rota da Polícia Militar e eles o pegam e o atiram dentro da viatura. Não tem erro.

Esse racismo envolve a classe social e a cor do outro.

Aqui existem duas formas de racismo, gravíssimas e claríssimas. Uma é o racismo racial. O outro é o racismo social. Estão entrelaçados. Mas, digamos, o pobre branco também está estrepado, devido ao racismo social.

Esse sadismo das elites, escreve Gilberto Freyre, remonta à crueldade dos filhos dos donos da casa-

grande que brincavam com inaudita violência com os filhos dos negros da senzala. Os meninos brancos usavam os moleques como cavalos, davam chicotadas neles e por aí vai. Freyre escreve: "Não há brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidão, que não se sinta aparentado do menino Brás Cubas na malvadeza e no gosto de judiar do negro". Freyre fala em "deleite mórbido". Isso explicaria esse atual ódio pelo povo.

Acho perfeito. A esquerda brasileira execrou Gilberto Freyre porque era um liberal conservador à moda antiga nas suas posturas ideológicas. E veja que descrição perfeita. E as esquerdas são contra as duas obras-primas de Gilberto Freyre.

Você prefere Sobrados e Mocambos.

Acho ótimos os dois livros. Nós também temos os sobrados e mocambos, os palácios e as favelas.

Segundo Lula, a chave é o mercado interno para que o povo possa consumir.

Lula tem razão em acreditar no mercado interno. Esse povo espezinhado é um tesouro. Se você permite que o povo evolua, você eliminará o abismo entre pobres e ricos e terá um bom consumidor. Isso será a força do País. Agora, uma política agrícola é muito menos importante do que uma política industrial. De qualquer maneira. Sem contar que o Brasil exporta soja e minério de ferro. E os preços desses tipos de *commodities* caíram. E agora, como exportador de petróleo, o Brasil vai deixar de ganhar o que poderia. Privatizada, a Petrobras irá para a Exxon e outras empresas estrangeiras. O que interessa é uma política industrial. Mas a indústria brasileira foi destruída. Este país já foi a décima quinta potência industrial do mundo a certa altura de sua história, durante uns 30 anos, de Getúlio Vargas a João Goulart, passando por Juscelino Kubitschek.

Getúlio criou uma infraestrutura para o desenvolvimento industrial. Isso é fundamental para a criação de uma economia forte, como bem sabem os líderes europeus.

A industrialização que Vargas buscou era na época o caminho para o desenvolvimento. Dentro desse conceito ele criou, em primeiro lugar, a csn, em Volta Redonda. Em seguida, criou o salário mínimo, que à época era superior ao mínimo atual. Por fim, em 1943, assinou a clt. Em suma, ele criou as bases efetivas para a industrialização. Essas bases serviram realmente para que o Brasil se tornasse uma potência industrial. De longe a maior da América Latina. Foi um período impor- tante. Getúlio depois caiu, mas voltou. E procedeu no caminho de 1951 a 1954. Criou a Petrobras em 1952.

Lembro de uma entrevista que fiz com o empresário Abilio Diniz, em 2012, na qual ele dizia maravilhas sobre Lula e Dilma. E agora leio que Diniz, Arminio Fraga, Nizan Guanaes e Luciano Huck criaram um tal "Foro Cívico", para apoiar outros candidatos.

Apoiar os candidatos confiáveis a eles.

Descartar Lula por um governo ilegítimo e apoiar um novo candidato neoliberal é uma inenarrável forma de oportunismo. Diniz badalou Lula no poder e agora se bandeia para o outro lado?

Trata-se de gente que não sabe reconhecer os méritos de Lula. O Arminio Fraga nem coloco nessa equação, pois sempre foi um neoliberal. No entanto, quando ainda estava no Grupo Pão de Açúcar, Abilio ganhou dinheiro como nunca na época de Lula, graças à abertura do crédito.

Temos também Paulo Skaf, da Fiesp, que exalta a estabilidade da economia sob Temer.

Skaf nem é empresário. Trata-se de uma figura caricata. De resto, o vídeo e as páginas impressas povoam-se de rostos patibulares. Veja as sessões no Congresso ou no Supremo Tribunal Federal. As reuniões dos supostos representantes do povo e dos guardiões da lei. São impressionantes a pobreza intelectual, cultural, e o primitivismo. E todos certos de sua importância, incapazes de qualquer lance de autoironia. Grotescos.

Segundo Lula, a direita está tentando criar um novo candidato, visto que não há nenhum.

Essa tentativa existe. A questão é a seguinte. Os candidatos existem em função de Lula. Então, neste momento, o candidato mais forte depois de Lula é Jair Bolsonaro, que tem quase um terço das intenções de voto de Lula. Mas ele é o mais forte na oposição. Os golpistas não têm candidato. Daí minha dúvida: haverá eleições ou teremos um golpe dentro do golpe com ares de legalidade?

E quanto a Bolsonaro?

Bolsonaro é o impecável representante de um Brasil retrógrado. Se ele fosse presidente, instituiria o ensino do criacionismo nas escolas. No tempo da ditadura ensinavam Moral e Cívica, com Bolsonaro teríamos o criacionismo. Delírio absoluto. A recente exposição de quadros eróticos no Masp em que foi proibida a entrada de menores de 18 anos foi uma aberração. É como se colocassem na porta da Capela Sistina, em Roma, onde na abóbada, entre outros, aparece um Adão nu, uma placa também proibindo a entrada de menores de 18 anos.

Essa mentalidade explicaria a ascensão de Bolsonaro?

Falam no fascismo de Bolsonaro, mas não é por aí. Bolsonaro representa antes de mais nada o atraso cultural e intelectual, e não é por acaso que conta com o apoio dos evangélicos. Como candidato, no entanto, acredito que perca força se Lula for condenado em segunda instância.

E os outros candidatos?

Como já disse, as quadrilhas não emplacariam qualquer um dos cogitados, nem mesmo Geraldo Alckmin. Fala-se em Luciano Huck creio, porém, que se trate de puro humorismo. Um candidato respeitável é Ciro Gomes, mas ainda não conseguiu uma dimensão nacional. Há também a Marina Silva, que, a meu ver, na hora do pleito mostraria escassa força nas urnas. Ela não tem opinião a respeito de coisa alguma.

De qualquer forma, o eleitorado paulista não votaria em Lula. De onde vem tanto reacionarismo?

São Paulo era a locomotiva, como já se disse, movida a café. Mandavam os comissários do café. Alvorecia, contudo, um começo de industrialização. Levas de imigrantes chegaram também à capital, e as greves de 1907, 1909 e 1917 foram importantes. Os organizadores foram 400 anarquistas. Altino Arantes, já governador de São Paulo, os deportou. Mandou-os de volta para a Itália. Outra imigração positiva como a japonesa não representava entrave político. Com os anarquistas o operariado começou a se manifestar. Mas, quando foram deportados, o reacionarismo afundou suas raízes. Culminou com a Revolução de 1932. Eles chamam de revolução um movimento separatista.

Esse ódio ao imigrante por parte dos chamados “quatrocentões” não pode ter sido projetado contra o

nordestino e, no caso, contra Lula?

Durou muito tempo esse ódio ao imigrante. Mas contra Lula diminuiu. Tomou outra forma. Encaixou-se no ódio de classe. Antes de Lula, a repulsa ao nordestino foi bem mais forte. Não houve políticas para segurar os nordestinos nas terras deles. Nunca houve. Teria sido necessário oferecer-lhes condições melhores de vida e desenvolvimento.

Do ponto de vista jornalístico, é importante entender como funcionaria um movimento de reação do povo. A chamada "Primavera Árabe", uma invenção do Ocidente que não resultou em nada significante, foi organizada através das redes sociais. Donald Trump venceu nos EUA bastante ajudado pela Rússia, que teria produzido 80 mil posts *para atingir 126 milhões de pessoas nas redes sociais, segundo a bbc. O próprio Lula tem uma participação importante nas redes sociais. No entanto, os jornalões e as revistas reacionárias ainda dão as cartas. No último ano, disse Lula, saíram 56 capas de revista contra ele.*

A mídia impressa, de fato, teve muito êxito na sua campanha anti-Lula e anti-PT. Mas acho que funciona mais ainda com a televisão aberta, sobretudo com a Globo, que alcança os pobres. Pobre não tem acesso à tv a cabo e, portanto, assiste aos canais convencionais. A televisão também está toda contra Lula.

Entre as pessoas mais ricas do Brasil encontram-se os três irmãos Marinho, filhos do suposto jornalista Roberto Marinho. Teriam entre eles, os três irmãos, uma fortuna estimada em 11,3 bilhões de dólares. Segundo Marcos Coimbra, presidente do Instituto Vox Populi, Roberto Marinho engoliu o "Sapo Barbudo", achando que ele não teria fôlego na política. Não foi o caso. E agora os sucessores dele querem destruir a imagem pessoal e política do ex-presidente. Lula me disse que no último ano houve 20 horas de Jornal da Globo contra ele. A Globo, sabemos, fez campanha também contra Temer, mas o que querem mesmo é a pele de Lula.

Hipocrisia à enésima potência, fingem-se de moralistas. Vamos entender claramente. Os Marinho querem colocar no poder um homem deles.

É estranho a mídia internacional, salvo raras exceções na Europa, estar silenciosa a respeito do golpe contra Dilma e o julgamento ilegal de Lula.

Em primeiro lugar, o Brasil é muito distante. E não é fácil para o europeu entender o que está acontecendo por aqui. Ironicamente, isso prova que a casa-grande está de pé, e o Brasil na Idade Média. A mídia europeia, como você diz, não entende isso. Veja o quadro: um golpe perpetrado pela aliança entre Executivo, Legislativo, Judiciário e a mídia. E jogando no lixo a Constituição de 1988, que, certa ou errada, perfeita ou não, completa ou não, é a Constituição. E, ainda, há setores da polícia federal transformados em jagunços da casa-grande. Explique isso para um europeu. Ele não tem condições de entender uma situação dessas.

O Financial Times *e o* Wall Street Journal, *por exemplo, estão felizes com a "estabilidade econômica" sob Temer. E, por tabela, aplaudem a privatização da Petrobras. É a ditadura do capital?*

É a ditadura do capital. O neoliberalismo quer isso. É um desastre mundial absoluto. E no Brasil assume proporções gigantescas. Isso porque o golpe favorece somente os ricos e os super-ricos. Qual a saída? A reação popular maciça e destemida. E bem liderada. A tomada da casa-grande. Mas eu não me iludo, esta é a única solução, no meu entendimento, impossível, nas condições em que o País se encontra, com

fortíssimas raízes no passado colonial e escravocrata.

Lula seria ainda o único a poder comandar o País com sucesso?

Quando governou o Brasil, Lula foi uma estrela internacional. Em 2009, a prestigiosa revista *Foreign Policy*, dos EUA, disse que Celso Amorim era o chanceler mais importante do mundo. Acho que a atual falta de lideranças depende muito dessa ausência da política, que Lula com razão aponta. Por conta disso, é difícil que surjam lideranças se a política sofre. Mas chamo atenção para lideranças que estão nascendo no mundo. O Corbyn e uma liderança forte no Reino Unido. Idem o Mélénchon, na França. O jovem italiano Speranza, de 40 anos, é uma liderança nascente. Esta situação, na qual o mundo todo se sujeita à força do capital, provoca o surgimento de novas lideranças. E surgirão outros e outras que tomarão a defesa do Estado Democrático de Direito. Inevitavelmente.

Donald Trump não gostaria de uma vitória de Lula, mas Barack Obama e o ex-presidente brasileiro se davam bem.

Se davam bem. Mas a postura muito independente de Lula era difícil de ser apreciada também por Obama. A construção dos brics e outras situações não poderiam agradar aos Estados Unidos. Lula, outro exemplo, foi a Israel e tomou uma posição muito clara pró-Palestina. E ao mesmo tempo tudo aquilo que se fez em termos de política internacional foi impecável.

Celso Amorim me disse em entrevista recente que, antes de Lula, o Brasil jogava na Segunda Divisão, mesmo sendo o primeiro colocado nesta Série B. Mas sob Lula foi promovido à Série A. E fizeram isso. Amorim disse que a política externa de Lula na América Latina, na África e no Oriente Médio incomodou os países ricos. Entre outros feitos houve as negociações que aproximaram o Ocidente do Irã, em 2010, capitaneadas por Brasil e Turquia. Graças a esse pré-acordo, copiado depois pelos Estados Unidos, temos hoje negociações entre a chamada "comunidade internacional" e Teerã. Claro que, hoje, Trump está tentando acabar com tudo isso.

Depois de concluído com sucesso o pré-acordo, os Estados Unidos não acharam graça. Houvera, neste caso, uma carta de Obama respondendo a Lula e autorizando-o a agir, ou pelo menos louvando a iniciativa. Essa carta precedeu a ida a Teerã.

Por sua vez, Fernando Henrique Cardoso era submisso aos EUA.

Completamente. Abraçava Bill Clinton a toda hora.

Voltamos ao poder dos mercados, o que explicaria a submissão de Fernando Henrique aos países ricos.

A privatização, quero dizer a roubalheira sob Fernando Henrique, foi aplaudida pelos países da chamada "comunidade internacional". Agora vem aí a privatização da Petrobras. E o que foi a licitação do pré-sal? Quando se tira o pré-sal da Petrobras, você vulnera fatalmente seu valor, de sorte a vendê-la a preço de banana. Aliás, o Fernando Henrique presidente queria privatizar a Petrobras.

Objetivo concretizado sob Temer.

É a grande vitória tardia de Fernando Henrique. E por que um professor universitário, aposentado, tem

um apartamento de nababo em São Paulo, situado em bairro nobre, como se diz aqui, e uma fazenda de muitos alqueires. Não estamos falando em um ridículo triplex na Praia das Astúrias, lugar de farofeiros no Guarujá. Ou de um sítio em Atibaia com vista para a favela. Os social-democratas brasileiros não são os social-democratas de Willy Brandt. Eles são o esteio da extrema-direita, são o instrumento mais atilado da casa-grande. Envolvidos até o talo no golpe.

Causa estranheza o fato de os críticos de Lula sempre dizerem que Fernando Henrique promoveu a economia do País.

Referem-se à estabilidade da moeda. De fato, os economistas que cercavam fhc, inspirados por uma manobra israelense de muito tempo atrás, de valorizar a moeda para torná-la mais segura, conseguiram interromper a queda do cruzeiro ao transformá-lo em real. Isso já se deu com Itamar Franco, substituto de Fernando Collor, quando Fernando Henrique era ministro do Exterior. A operação começou pela URV. Aos fatos. Durante o primeiro mandato de Fernando Henrique, houve o *crack* russo e o Brasil quebrou. Para conseguir sua reeleição, Fernando Henrique comprou votos, como é do conhecimento até do mundo mineral. Era necessária a maioria de dois terços para a mudança constitucional e ele fez uma campanha eleitoral com a sombra da bandeira da estabilidade. Roberto Marinho acreditava, instigado por Miriam Leitão. Doze dias após a posse para o segundo mandato, ou seja, já reeleito, no dia 12 de janeiro de 1999, Fernando Henrique desvalorizou o real. Abriu um rombo na Globo e quebrou o Brasil novamente. Quando Lula chegou ao poder, os cofres do Estado estavam vazios. O Brasil devia mais de 200 bilhões de dólares. O Lula pagou tudo. E mais: encheu as burras do Estado. Colocou muita grana nos cofres. O Estado tinha lastro forte mesmo. Como podem tecer elogios sobre a política econômica do Fernando Henrique? Ele quebrou o Brasil. E a privatização das comunicações foi a maior bandalheira de todos os tempos.

Agora, a roubalheira é mais transparente. Vemos pessoas correndo com malas repletas de dinheiro. E você falou sobre os policiais federais que se comportam como jagunços da casa-grande.

Largos setores da polícia federal aderiram ao golpe. Apoiaram o *impeachment* de Dilma e ofereceram proteção aos golpistas. E estão prontos a se engajar em qualquer tipo de operação.

Um oficial do Exército já se exprimiu em uma casa maçônica sobre uma possível intervenção.

Não acredito em intervenção militar, mas não sei como os fardados se comportariam se o povo saísse às ruas para protestar e disposto a brigar. Não sei como eles se comportariam em caso de desordem. Seria uma incógnita muito séria, mas não cogitemos de algo impossível. Creio que os militares, salvo uma ou outra exceção, têm se portado muito bem, dentro da Constituição.

Por outro lado, os militares poderiam se voltar contra os quadrilheiros, defender a Petrobras, por exemplo.

As Forças Armadas são nacionalistas. Essa história do pré-sal certamente os irrita muito. Por ora, respeitam, como disse, a Constituição. Quem não a respeita são os Três Poderes da República.

No golpe de 1964, houve tanques para derrubar João Goulart.

Em volta de Jango havia esquerdistas sinceros. As chamadas reformas de base, a plataforma de Goulart, eram coisa séria. Era exatamente taxar os ricos, reforma agrária em profundidade, e assim por diante. Era

um governo de esquerda. E havia gente de esquerda. Não digo comunista. De esquerda no sentido de reformador do País, com o objetivo de liquidar o abismo que separa ricos e pobres. Queriam acabar com a casa-grande e a senzala.

Mas Washington viu a situação de outro ângulo.

Os Estados Unidos ofereciam até suporte bélico. John Kennedy foi um desastre.

Em 1964, houve o apoio das elites para derrubar o governo legítimo. No golpe de 2016, sem tanques, o mercado quis dominar o Estado. Esse último golpe me parece mais sutil.

O golpe de 2016 foi diferente e adequado ao contexto político no Brasil e no mundo. Mas veja: o de 1964 foi um golpe desfechado pelos militares, chamados pelas elites, haja vista os editoriais do *Estadão* na época, ou do *Globo*, ou do *Jornal do Brasil*. Os militares foram chamados pela casa-grande para executar o serviço sujo. Depois, talvez os militares tenham gostado muito de estar lá em cima. Na verdade, o golpe de 1964 foi civil e militar. Porque a deixa saiu das elites. O povo não soube como reagir, mas começou a medrar uma espécie de resistência que depois se fortaleceu. Por parte dos ditadores havia aquela hipocrisia de manter um sistema eleitoral. Finalmente, o AI-5, em dezembro de 1968, confirmou com clareza o golpe. Os militares ganharam então plenos poderes. Com o golpe dentro do golpe o Congresso foi fechado, para reabrir depois de algum tempo. Houve cassações aos magotes, mas nem por isso a oposição arrefeceu. E o MDB, comandado pelo Ulysses Guimarães, aglutinou todos os opositores. Alguns partiram para a luta armada e, no caso, morreram mais de 400. Milhares foram torturados. Este é o resultado de uma tentativa de luta armada. A qual, diga-se, os comunistas rejeitaram. De qualquer maneira, a ditadura foi um episódio que deveria ter fortalecido o anseio pela democracia. Naquele tempo, mesmo perseguido pela censura, eu tinha grandes esperanças de que chegaríamos finalmente a encontrar o caminho de uma vez por todas. O Brasil havia atravessado um período econômico muito favorável, de Getúlio Vargas a Jango Goulart. Foi quando o País chegou a ser a décima quinta potência industrial do mundo. O que talvez até explique por que acabou surgindo, já em tempos de ditadura, uma nova geração de líderes sindicais. De alguma forma, estava se criando, ainda que de forma muito confusa, incerta, um proletariado. O proletariado sempre foi a bucha de canhão da esquerda. Para mim, foi um período de esperança.

Inclusive do ponto de vista jornalístico?

As minhas esperanças não chegavam a tanto. A chamada grande mídia, com exceção de *Veja*, que eu dirigia, apoiava a ditadura. De todo modo, a história da censura é contada de uma maneira realmente singular. O *Estadão* foi censurado porque os dirigentes do jornal queriam Carlos Lacerda na Presidência. No entanto, Lacerda acabou cassado ao criar uma Frente Ampla com Juscelino Kubitschek e João Goulart. Foi assim que teve início a censura contra o *Estadão*. A censura era feita na redação do jornal e os buracos deixados pelas tesouras dos censores eram preenchidos com versos de Camões. No *Jornal da Tarde* publicavam receitas de bolo. Os outros jornalões não foram censurados. Quem foi censurado realmente? *Veja* e os alternativos. E censura feroz, muito feroz.

Quando, com o fim da ditadura, suas esperanças arrefeceram?

Logo que começou a chamada redemocratização, percebi que tinha me enganado redondamente.

A partir de 1985?

Desde o momento em que Figueiredo sai pela porta dos fundos e fomos para as eleições indiretas. Aliás, Golbery deixara o governo depois das bombas patéticas do Rio Centro, mas o plano dele foi cumprido até o fim: Tancredo *versus* Maluf. O que Golbery não podia prever foi a morte de Tancredo. E a Presidência ficou com quem derrubara no Congresso a emenda das Diretas Já. A emenda ficou muito pior que o soneto, o resultado foi um escárnio.

Quando você começou a se interessar por Lula?

Final de 1977, começo do ano seguinte, quando se preparava a greve de 1978. Um repórter da revista *IstoÉ*, Bernardo Lerer, irmão do David Lerer, que vinha do PTB de Alberto Pasqualini e Leonel Brizola. Bernardo me disse: “Olha, esse Lula é muito interessante. Valeria a pena falar com ele”. Lá fomos nós, o Bernardo Lerer e eu, ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Ao entrar no prédio, logo notei uma reprodução do quadro de Pelizza da Volpedo, *O Quarto Poder*, título que não se referia à imprensa, mas aos trabalhadores. O que mostrava a tela? Um senhor enchapelado, barbudo, caminhando na frente do povo. E aí Lula vem ao meu encontro. Parecia que tinha saído do quadro. Faltava o chapéu. Descrevi essa cena no meu livro, *O Brasil*. Lula e eu tivemos uma longa conversa e fiquei muito impressionado. A primeira coisa que me impressiona em Lula é o seu senso de humor, característica muito importante. Sabe lidar com a ironia. E tem definições muito agudas em relação a vários temas. Foi uma conversa excelente. Falamos sobre a vida dele desde o começo. Desde a viagem de caminhão de Garanhuns a São Paulo, sobre a mãe faxineira que aqui em São Paulo cuidava de oito filhos, e do único irmão que se interessou por política, Frei Chico, comunista que foi do PCdoB.

Segundo Lula, o Frei Chico não teve influência ideológica. O que o irmão fez foi conseguir para ele um posto no sindicato.

É isso mesmo. Mas, de volta ao dia em que conheci Lula, Bernardo Lerer e eu decidimos fazer uma entrevista no formato pergunta e resposta com Lula. O texto da reportagem eu escrevi. E fizemos a famosa capa, concebida pelo capista Hélio de Almeida e publicada em 9 de fevereiro de 1978. A greve seria realizada em abril daquele ano, quando vencia o contrato coletivo de trabalho.

Qual foi a reação à capa?

A reação dos leitores me pareceu muito boa, a *IstoÉ* era um sucesso de vendas. Ela chegou a 100 mil exemplares de tiragem, em um tempo em que a de *Veja* era de 200 mil. Quer dizer, era uma concorrente real. E os ditadores, ao contrário deste atual governo golpista encabeçado por quadrilheiros, não vetavam anúncios. Nesse tempo, a censura tinha terminado. A censura terminou, de fato, no começo de 1977, quando a revista se tornou semanal exatamente por causa disso.

E quem foi o homem por trás do fim da censura?

O general Golbery do Couto e Silva. Ele tinha, de fato, o plano de retorno à normalidade democrática, segundo a ideia dele de democracia.

Você disse que o general Golbery é o autor da reforma partidária de 1979, com o objetivo de estilhaçar o MDB. Mas Lula não acredita que foi Golbery quem facilitou a formação do PT.

Eu nunca disse que Golbery facilitou a formação do PT. Disse que, ao estilhaçar o MDB, ele precipitou o nascimento do PT. O chefe da Casa Civil de Geisel entendia que Lula era diferente dos pelegos. Tratava-

se, além do mais, de um sindicalista de qi alto. Para Golbery, Lula tinha um pensamento não marcado pelo marxismo, não marcado por uma postura esquerdista tradicional, digamos. Golbery sabia do meu respeito e de minha amizade por Lula e me perguntou a respeito. E foi então que mandou emissários para ouvir Lula no Dops. E que perguntaram? “Como eu via a vida – diz Lula –, o que pensava do mundo, como enxergava o trabalho no Brasil, o que achava dos empresários. Perguntas desse tipo.” Os emissários, engravatados, chegavam a mando do “cacique”. Ao sair da prisão, Lula me disse: “Mas quem será o cacique?” Passei muito tempo perguntando ao ex-carcereiro Romeu Tuma quem seria o cacique, e ele não respondia. Enfim, pouco antes de morrer, confessou: “Era o Golbery”. Tuma gostava de Lula, e foi um carcereiro suave.

Houve então uma tentativa do Golbery de estilhaçar as esquerdas, como fez François Mitterrand com as direitas n França nos anos 1980?

Tancredo Neves e o próprio Ulysses Guimarães eram conservadores iluminados. Tancredo, embora subisse nos palanques das “Diretas Já”, queria as indiretas. Ulysses Guimarães foi o “Senhor Diretas”, e ganharia se diretas fossem. Havia ao redor dele paspalhos como Fernando Henrique Cardoso, que se dizia de esquerda, ou como o José Serra. E estavam todos no MDB. André Franco Montoro também fazia parte desse grupo, ótima pessoa, democrata-cristão à velha moda. A turma da oposição estava toda no MDB do Doutor Ulysses. Vamos deixar bem claro: não era uma esquerda. Havia uma minoria de esquerda, inclusive marxistas. Tratava-se, em todo caso, de uma oposição valente. Donde a ditadura ter recorrido a inúmeras cassações. Deixava o Congresso aberto, mas caçava os congressistas quando bem entendesse. Houve o famoso pacote de abril, em 1977, começo da *IstoÉ* semanal.

Como se deu o seu contato com Golbery?

Quem tinha contato com ele há algum tempo era Elio Gaspari, quando ele trabalhava na *Veja*. Elio foi editor de política na revista até 1974. Um dia, me disse: “Você precisa conhecer Golbery, uma figura muito interessante”. Estamos no início dos anos 1970. Golbery estava fora do governo, pertencia ao grupo dos Sorbonianos…

Mas nenhum deles tinha elos com a Sorbonne.

O primeiro foi Castello Branco, que tinha lido muito Victor Hugo e isso o qualificava como Sorboniano. Não conheci pessoalmente o Castello Branco, mas receio que fosse um medíocre. Mas não importa. O fato é que conheci Golbery, no Rio de Janeiro, em 1972, quando já era diretor de *Veja* havia quatro anos. Naquele momento Golbery era presidente da Dow Chemical no Brasil. Golbery era cordial, uma pessoa muito simpática. Acabamos amigos, apesar das óbvias diferenças ideológicas. E assim tornou-se hábito eu ir ao Rio visitá-lo, ainda como presidente da Dow Chemical. Íamos almoçar em uma dessas típicas padarias portuguesas populares do Rio, onde se comia um bom bacalhau, por exemplo. Ele foi uma fonte fundamental. Como disse, tínhamos ideias opostas. Ele era um filho da Guerra Fria, gostava, porém, de ler tudo o que lhe recomendava, a edição domingueira do *New York Times*, de direita e de esquerda, e de artes plásticas. Um ponto em comum. Tenho certeza de que ele simpatizou comigo. Falava muito bem de mim.

À época, Golbery já tinha uma estratégia para devolver o governo aos civis?

Estava tramando. Havia começado, pouco a pouco, e pretendia devolver tudo aos civis. De saída, criou o contato com a casa-grande. Mas veja: era um homem em perfeita sintonia com o contexto da Guerra Fria,

portanto, com a geopolítica dominada pelos EUA. Por isso acabou na Dow Chemical. Mas, ao mesmo tempo, achava que se devia colocar a casa em ordem. Para ele, havia uma grande bagunça em toda a América Latina, por conta de Fidel Castro. Ele era, antes de tudo, um crente da divisão maniqueísta do mundo. Era também um estrategista notável, odiado pelos militares. Foi ele quem orientou a sucessão de Médici por Geisel, que aos olhos dos militares levava a enorme vantagem de ser irmão de outro general, Orlando Geisel.

Por que vantagem?

Porque Orlando Geisel era uma espécie de condestável do poder ditatorial. De garantia. Mas, ao mesmo tempo, Golbery, homem muito sagaz, percebia que Geisel era o títere ideal para o titereiro Golbery. Na verdade, o titereiro nunca me disse que Geisel era o títere, mas a situação ficou muito clara, clara demais, ao menos para mim. Golbery sabia como dobrar o homem e conduzi-lo pelo caminho que havia traçado. Ao aceitar Geisel como seu herdeiro, Médici impôs uma condição: Golbery não haveria de figurar no novo governo. Geisel tornou-se o ditador da vez e chamou Golbery para a chefia da Casa Civil, em 1974. A relação entre Golbery e Geisel era bastante formal, tratavam-se de senhor. E Golbery sabia que conseguiria levar Geisel na conversa. Qual era o plano do Golbery? Partir para uma anistia incompleta, mas anistia. Esses seriam os dois passos finais de Geisel: anistia e reforma partidária. Anistia no começo de 1979 e a reforma partidária no fim de 1979. Aí a coisa marchou. Golbery foi um Mago Merlin da ditadura.

Em 1974, você levou a Manuela e eu a Brasília, quando foi se encontrar com Golbery.

Espere aí, vou pegar *O Brasil*, meu livro editado pela Record em 2014 e vou ler a passagem em que conto esta história, vivida com vocês, no quarto andar do Palácio da Alvorada. "Ao chegar ao gabinete do chefe da Casa Civil demos com uma presença inesperada na antessala: Roberto Civita. Arregalei os olhos, ele explicou que o pai o informou a respeito da minha ida à capital para discutir a volta da censura depois de três semanas de liberdade. Eu negociara a saída dos censores com o futuro ministro da Justiça, Armando Falcão, ainda durante a gestação do governo Geisel, em fevereiro de 1974. Dois meses depois, Falcão me chamou a Brasília para dizer que os censores estavam de saída. Eu sublinhei: sem compromisso algum de nossa parte. Claro, disse ele, e me deu um livro da sua lavra, intitulado A *Revolução Permanente*. Passei então pelo gabinete de Golbery e ele sentenciou: 'Falcão é o nosso Trotski"'.

> "Passo a ler, a partir do momento em que interpelo Roberto Civita… Ah, sim, durante as três semanas sem censura não tínhamos nos comportado como os militares pretendiam, sobretudo na terceira, com a publicação de uma charge de Millôr Fernandes. Leio: 'Você não pediu audiência, não tem hora', proclamo. Ele insiste, à beira da imploração. O meu tom chama a atenção de Manuela e Gianni, que encaram a cena sem entender o assunto, percebem, porém, que o pai está muito irritado, enquanto o outro tem jeito de pedinte. Lurdinha (*secretária de Golbery, adorável pessoa*) traz uma laranjada para as crianças e avisa que o general está à espera. Admito: 'Você entra comigo, mas se compromete a não abrir a boca'. Ele promete. Na conversa que se segue no gabinete da Casa Civil, o meu argumento é óbvio: *Veja* é uma revista semanal que encerra o trabalho na noite de sábado e vai às bancas às segundas-feiras, obrigá-la a submeter textos e fotos aos censores na terça significa inviabilizá-la. Pergunto a Golbery: 'Os senhores pretendem que *Veja* simplesmente acabe?' Não, nada disso. 'Então é preciso pôr em prática outro sistema.' O chefe da Casa Civil entende e concorda. Diz: 'Vá até o Ministério da Justiça, fale com Falcão, a Lurdinha já vai avisá-lo, diga a

> ele que vamos procurar uma saída até amanhã no máximo, a próxima edição tem de sair regularmente’. Golbery fica de pé, hora da despedida. O general não conhecia o patrãozinho que até aquele momento cumpriu a promessa feita na antessala. E de supetão abre a boca: ‘General, se o senhor acha que devemos tomar alguma providência em relação ao Millôr Fernandes…’ Golbery fulminou-o: ‘Senhor Civita, não pedi a cabeça de ninguém’. Há quem diga que Arci se parece com um cachorrão pelancudo, nunca como nesse instante a semelhança me pareceu tão evidente. Como cão enxotado do quarto sai de focinho a fazer cócegas ao carpete. Na antessala digo, com irrecorrível desprezo: ‘Bem que tinha pedido que você ficasse ca- lado, mas você é um imbecil”’.

Lembro da cena. E como continua o plano de Golbery de entregar o poder aos civis?

Em 1974, Orestes Quércia elegeu-se senador. O MDB colocou deputados e senadores em todos os cantos. Houve cassações às pamparras. Fui ter com o Golbery e ele disse: “Olha, eu sou muito parlapatão, mas veja, não tem jeito. Precisamos fazer uma reforma partidária. Quem é de esquerda que fique à esquerda, e quem é de direita que fique à direita. Para deixar tudo mais claro”. No ano seguinte, 1975, Golbery teve um descolamento da retina. Foi operado na Espanha, onde na época havia os bambas desse problema. Golbery voltou ao Rio de Janeiro. Ficou entrevado em um quarto, onde passou um mês inteiro na escuridão. Finalmente, retornou a Brasília. No dia 3 de abril, aproveitando-se da ausência de Golbery, Geisel havia pronunciado o discurso da pá de cal, ou seja, estava encerrada a distensão lenta e gradual, porém segura. Fui visitar Golbery no dia seguinte ao pronunciamento de Geisel. Jazia sobre a mesa o discurso do ditador. Golbery me disse: “Sabe quem escreveu isso aqui? O João Paulo dos Reis Velloso”. Reis Velloso era então ministro do Planejamento. O discurso estava sublinhado em amarelo em diversas passagens. “Isso vai provocar o retorno do terror de Estado. Vai ter cousas do arco-da-velha. É uma estupidez total. Cuide-se”, avisou Golbery. Eu senti nitidamente que ele via em Geisel um desastrado. A perseguição desencadeada culminou com a morte de Vlado Herzog, em outubro de 1975. Em agosto, Golbery também me disse: “Olha, se o Geisel não ficar atento, ele não vai fazer o sucessor dele. E o próximo presidente será o Frota”. O ministro do Exército. E aí?, indaguei. “O Frota tem que cair.” Quando? Já? Amanhã? “Até o dia 12 de outubro de 1977”, respondeu Golbery. Estávamos em agosto de 1975. Frota caiu exatamente no dia 12 de outubro de 1977. Dois anos depois, Geisel fez a anistia, bastante parcial. Aquela anistia foi aprovada pela chamada Comissão da Verdade, pelo Congresso e pelo Supremo Tribunal Federal, em adiantados tempos de redemocratização e lá estava Paulo Sérgio Pinheiro, um dos grandes hipócritas que conheci. E Golbery conduziu a reforma partidária em 1979. Tancredo formou imediatamente o Partido Popular, Lula o Partido dos Trabalhadores, Brizola, de quem tinham roubado o Partido Trabalhista Brasileiro, fez o pdt. E o Doutor Ulysses ficou com o PMDB. Depois das bombas do Rio Centro, em 1981, Golbery disse a Figueiredo: “E preciso demitir o general Gentil Marcondes”. Marcondes era então o comandante do I Exército e, portanto, o primeiro mandante das bombas. Figueiredo rebateu: “Não, não, vamos chamar o Octávio”. Veio o general Octávio Medeiros, a quem Golbery uma vez me apresentou como Camarada Dimitrov, a lembrar ironicamente meu nome de batismo, Demetrio. O chefe da Casa Civil tinha muito senso de humor, Medeiros nem um pouco. E, claro, achava que Marcondes não deveria ser demitido. De todo modo, o então chefe do SNI sonhava ser o sexto ditador e Figueiredo apreciava a ideia. Não sei se na ocasião Golbery cometeu um erro ou agiu de caso pensado. E Figueiredo sentenciou: “Então fico com o Medeiros”.

Quando Golbery disse para você se cuidar após o pronunciamento de Geisel, em abril de 1975, ele sabia que pediriam a sua cabeça…

Claro. Para os Civita estava em jogo o empréstimo pedido à Caixa Econômica Federal, então presidida

por Karlos Rischbieter. Tratava-se de um empréstimo de 50 milhões de dólares. De fato, quando chegou a minha hora por causa desse empréstimo, Rischbieter teve de entregar a aprovação a um superior hierárquico, pois se tratava de uma questão política A pasta empacou na mesa do ministro da Justiça, Armando Falcão.

Ele disse que você era o mais chato de todos os jornalistas.

Não, esse foi o Figueiredo, e me fez um grande elogio ao me confundir com Roberto Marinho e Victor Civita. Figueiredo disse: "Esses só vêm me pedir favores. O Mino não pede coisa alguma. É um chato. Geisel o detestava. Mino reescreveria os Evangelhos, mas não tem o rabo preso". Foi o maior elogio que já recebi. Mas ele me confundia com donos de empresas. De qualquer modo, quando, em fevereiro de 1976, Falcão, em nome de Geisel, pediu a minha cabeça em troca do empréstimo, eu me demiti para não receber um único, escasso tostão dos Civita. Anotei, contudo, que fui muito mais caro do que Jesus Cristo, vendido por 30 dinheiros. Golbery não mexeu uma palha quando fui embora da *Veja*. Nas suas memórias, Karlos Rischbieter conta que foi ter com ele e disse: "Mas e o Mino?" E Golbery respondeu: "O Geisel o odeia. Não tem jeito, não posso fazer nada, não posso defender o Mino". Estavam em jogo as razões de Estado. Fui trabalhar com meu irmão Luis e com Domingo Alzugaray em uma revista mensal que se chamou *IstoÉ*. Anódina, inodora e mensal. A primeira capa foi o Beethoven, o assunto era a surdez. Como já disse, *IstoÉ* virou semanal quando acabou a censura, em 1977. O último a ser censurado foi o jornal *O São Paulo*, da Cúria Metropolitana. Dom Paulo Evaristo Arns era outra pessoa detestada por Geisel. Grande e santa figura o Dom Paulo daqueles tempos turvos. Quando já tinha passado, ele me contou que ao levar a Golbery, chefe da Casa Civil, uma lista de desaparecidos, o general não escondeu as lágrimas. Publiquei esta história na *CartaCapital*, ainda mensal.

E com a IstoÉ *semanal veio sua amizade com Lula.*

Ficamos logo amigos. Amigos de jantar um na casa do outro.

Você me levou algumas vezes para comer frango com polenta na casa de Lula.

Lembro. E a minha mulher, Angélica, gostava muito de Marisa, mulher de Lula, e eu também simpatizava com ela. Era de descendência italiana e Lula chamava a avó dela de *nonnina*. Marisa era uma mulher muito firme e vigorosa, uma rocha moral. Certa vez, Lula me liga e diz: "Vem jantar aqui, na Granja do Torto". Aí desenrolou-se aquele enredo já contado. Combinamos uma grande entrevista e fizemos de 13 páginas na *CartaCapital*. Isso em 2005. Eu tinha, um pouco antes, visitado o chefe da Polícia Federal, Paulo Lacerda, delegado probo e elegante. Fui com Sergio Lirio e Belluzzo. E a certa altura eu disse a Lacerda. "A Operação Chacal pegou o disco rígido do Daniel Dantas. E aí?" A Operação Chacal visava Dantas envolvido nas tramoias da privatização das comunicações, adversário da tim italiana, dono do Banco Opportunity, com ramificações em paraísos fiscais. À minha pergunta Lacerda respondeu que o disco rígido tinha sido entregue a Ellen Gracie, ministra do stf. Disse ainda: "Está vendo aquela gaveta? Uma cópia do disco rígido está ali dentro." E apontou para a mesa do seu gabinete. Perguntei: "O senhor recebeu pressões para enterrar a Operação Chacal?" Ah, muitas, de deputados, senadores." Ministros? "Sim." Por exemplo, José Dirceu? "Sim", respondeu ele. Já contei essa história. Perguntei ainda: "Mas, desculpe, por que não abrem o disco rígido?" Ele disse: "Se abrirem, acaba a República".

E como foi a entrevista de 13 páginas com Lula?

Nessa entrevista, Lula me disse: "Você sabe muito bem que não sou de esquerda". Eu pensei em Norberto

Bobbio, na ideia de quem quer igualdade é de esquerda. E indaguei: “Não é esta a sua preocupação? E Lula respondeu que, se assim fosse, ele era um convicto esquerdista. O PT nasceu como partido de esquerda, com ideário de esquerda. Mas repito: o partido no poder portou-se como os outros. Hoje, o PT está crescendo novamente, na esteira do Lula, é claro. Mas ainda é um partido tíbio, sempre na defensiva.

Já disse isso a Lula?

Sempre. Além disso, ele me lê, sabe. Ele diz que os trabalhadores brasileiros saberão reagir. Algum dia, talvez. Na hora H, sempre estive ao lado dele. Em 1980, em companhia de Raymundo Faoro, fui visitá-lo no Dops. Fomos muito bem recebidos pelo então diretor da pf, Romeu Tuma. Ele nos deixou à vontade no seu próprio gabinete, cuidando de se retirar. Havia ali um canto com sofá e poltronas. Lá pelas tantas, Faoro propôs: “Olha, estou à disposição para ser seu advogado”. E Lula disse: “Não, doutor Faoro, isso é coisa pouco importante. Quem vai me defender é o Greenwald, o senhor não se preocupe”. Depois, ele queria o Faoro na chapa dele como candidato à Vice-Presidência, em 1998.

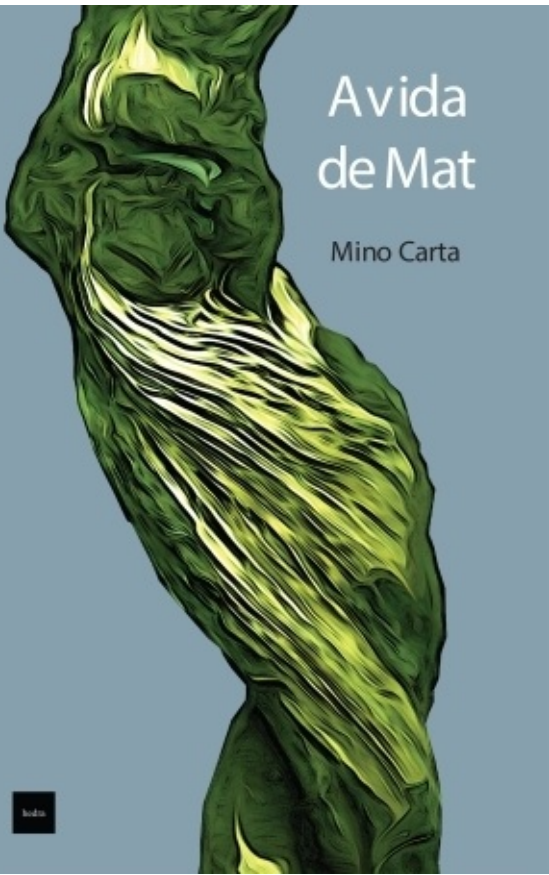
Como estava Lula no Dops?

Tranquilo. Mas estava sendo muito bem tratado. Romeu Tuma não somente mandava chamar dona Marisa e os filhos todos os dias. Fui com Angélica ao enterro da mãe de Lula, falecida durante a prisão do filho. O preso veio, Tuma o fez acompanhar por dois agentes à paisana. Todos os dias, no Dops, Lula comeu lulas fritas.

Lula é uma força da natureza. Teve câncer na garganta. Perdeu a mulher. E está sendo condenado sem provas.

Sim, é um homem forte. Lidou com o câncer com bravura. Perdeu a Marisa para a Lava Jato e está sendo julgado sem provas. Quando o encontro, ele me diz que tenho de ficar sonhando, esperançoso, porque a esperança não morre nunca. Estranhamente, um mês antes da morte de Marisa, cheguei para Lula e disse: “Sabe que eu tenho sonhado muito com sua mulher. Me lembro do dia em que estávamos naquele bar, embaixo de sua casa, quando você morava lá no alto, atrás da Volkswagen. Marisa estava presente, e a certa altura chegou a perua da revista para me pegar. Fui embora e você ficou no bar, tomando pinga com cambuci. Mas Marisa saiu e ficou acenando. Eu sonho com essa cena: eu saio de carro e ela saudando. É um sonho recorrente”. Ela morreu um mês depois.

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas, em 15 de dezembro de 2017, em tipologia Libertine, com diversos sofwares livres, entre eles, LuaLATEX, git & ruby.

A vida
de Mat
Mino Carta

A vida de Mat

Carta, Mino

9788577155064

182 páginas

Compre agora e leia

Romancista, pintor à la Bacon, tenista (há melhores), exímio chef de cuisine, imbatível jogador de poker, cantor de talento raramente reconhecido, arguto comentarista de futebol e o maior jornalista do Brasil, Mino Carta é agora Mat (às vezes). Como Mat, Mino vive em duas construções edênicas: a Itália da infância e da juventude, e o Brasil, da maturidade, um Brasil que poderia ter sido – e não foi. A Itália lhe concedeu Assunta, o prazer inigualável, e Nuvem, uma mulher formidável, que o romancista descreve com as tintas de Flaubert – e de uma dânea de Ticiano. É exatamente na seção italiana do romance que Mino realiza uma bem-sucedida experiência estilística, que ultrapassa – na minha modestíssima opinião, como ele diria – o que realizou nos romances anteriores. O Brasil é o do cárcere da ditadura, do filho morto em combate na luta armada, do interrogador imbecil com o nariz de nhoque. É quando os maus tempos chegaram. Mat e Mino não resolvem o conflito entre a Itália e o Brasil. Sim, porque o fim do romance, deslumbrante trabalho literário, quando Mat, sem encantos e sem mulher, volta à Itália e ao mar, não é um epílogo aceitável. A luta continua… Em tempo: não se detenha na palavra "lúvega". É só mais uma das artimanhas do romancista.

Compre agora e leia

Estudos Libertários
Bakunin
O princípio do Estado
e outros ensaios
Plínio Augusto Coêlho
hedra

UNIVERSIDADE, CIDADE, CIDADANIA
FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA
hedra

Universidade, Cidade, Cidadania

Silva, Franklin Leopoldo e

9788577154166
152 páginas

A universidade serve para produzir pesquisadores, professores, profissionais ou todos eles? Deve ser democrática ou baseada no mérito? É possível ser ambas as coisas? Deve-se sacrificar uma característica pela outra? Quanta autonomia a universidade deve ter? Quanta inserção social? Vocação de pesquisa ou preparação para o mercado?

Poesia vaginal - cem sonettos sacanas

Mattoso, Glauco
9788577154173
234 páginas

[Compre agora e leia]

Poesia vaginal - cem sonnettos sacanas, de Glauco Mattoso, possui, nas palavras do próprio (e em sua grafia particular) "o differencial e o ineditismo [em relação às outras seleções da minha obra] de sahir de uma tara especifica e incluir todos os temas do pornô classico". Ou seja, tudo o que se imagina que se faz na cama - e muito do que não se imagina... Glauco Mattoso é um dos mais importantes poetas brasileiros contemporâneos, celebrado por sua ousadia e inventividade por nomes como Caetano Veloso, Paulo Leminski, Millôr Fernandes, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Tom Zé, entre outros. A partir dos anos 1990, renovou o soneto em português, na linhagem de Vinícius de Moraes (que levou o coloquial para a forma fixa). Mas com outra linguagem: em vez do romantismo de poemas como "Soneto de fidelidade", os de Glauco Mattoso são sonetos de fodelidade. Na longa tradição da poesia pornoerótica, o realismo cru, a abordagem variada e a expressão precisa criam a moldura em que as mais profundas experiências humanas se exibem sem qualquer pudor. Mas com muito humor.

[Compre agora e leia]

MANUAL DA
DESTRUIÇÃO
ALEXANDRE
DAL FARRA
hedra

Compre agora e leia